

MÚLTIPLOS OLHARES DA EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE



GERMANA PONCE DE LEON RAMÍREZ
LUCIENNE DORNELES
REBECA PIZZA PANCOTTE DARIUS
(ORGANIZADORAS)

Atena
Editora
Ano 2019

Germana Ponce de Leon Ramírez
Lucienne Dorneles
Rebeca Pizza Pancotte Darius
(Organizadoras)

Múltiplos Olhares da Educação na Contemporaneidade

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de
Oliveira Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
M961	Múltiplos olhares da educação na contemporaneidade [recurso eletrônico] / Organizadoras Germana Ponce de Leon Ramírez, Lucienne Dorneles, Rebeca Pizza Pancotte Darius. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia. ISBN 978-85-7247-354-5 DOI 10.22533/at.ed.545191807 1. Educação. 2. Pedagogia – Pesquisa – Brasil. I. Ramírez, Germana Ponce de Leon. II. Dorneles, Lucienne. III. Darius, Rebeca Pizza Pancotte. CDD 370
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Este livro, na forma de coletânea, é fruto de trabalhos de cunho científico desenvolvidos com alunos em nível de graduação do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), campus Engenheiro Coelho, SP. Tais trabalhos foram desenvolvidos ao longo de um ano e meio sob as orientações de docentes do curso a partir da diversidade de áreas em que desenvolvem suas pesquisas.

O contexto atual, dinâmico, complexo, mutável como tem se demonstrado conduz à percepção da necessidade de instigar e formar nos jovens universitários uma postura investigativa desde a graduação, considerando que um dos objetivos do ensino superior é o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo. Desse modo, compreende-se a importância do incentivo às pesquisas que articulem os conhecimentos teóricos aos práticos possibilitando aos graduandos uma formação mais ampla e significativa.

Esta obra reúne trabalhos cujas temáticas elucidam acerca de múltiplos saberes no campo da educação os quais embora não tenham a intenção de esgotar as possibilidades de discussão acerca deles, apontam promissores rumos de pesquisas que contribuem na área da alfabetização; diversidade étnica e cultural; educação especial; gestão escolar; ludicidade no processo de ensino e aprendizagem; transculturalidade; inteligência espiritual; formação docente.

As organizadoras.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O ESTADO DA ARTE: ESTUDO COMPARATIVO SOBRE OS DESAFIOS PROFISSIONAIS E O OLHAR ATUAL DO GESTOR ESCOLAR SOBRE SUA PRÁTICA	
Luciane Weber Baia Hees Daniele de Castro Corrêa Rachel Simone Roganti da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5451918071	
CAPÍTULO 2	15
FATORES QUE INTERFEREM NA LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Brenda Karoline Honório Elen Roberta Leita da Silva Rebeca Pizza Pancotte Darius	
DOI 10.22533/at.ed.5451918072	
CAPÍTULO 3	26
CONSCIENTIZAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO SER NEGRO NAS SÉRIES INICIAIS	
Bianca Fonseca dos Santos Léia Andrade Frei de Sá Teresa Siwassangue Hisakenua Germana Ponce de Leon Ramírez	
DOI 10.22533/at.ed.5451918073	
CAPÍTULO 4	41
MÉTODO FÔNICO E A AQUISIÇÃO INICIAL DA LINGUAGEM ESCRITA DE DOIS ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN	
Gabrielly Cristina Pereira Ingrid Rodrigues Rieger Keyla Ferrari	
DOI 10.22533/at.ed.5451918074	
CAPÍTULO 5	54
RELAÇÃO ENTRE O USO DE SUBSTÂNCIAS QUÍMICAS ILÍCITAS, PROBLEMAS SOCIOEMOCIONAIS E EVASÃO ESCOLAR	
Karoline Barreto Rauber Luana Aparecida de Andrade Zanitti Ana Cláudia Vespa Mainer Dias	
DOI 10.22533/at.ed.5451918075	
CAPÍTULO 6	66
O IMPACTO DA INSERÇÃO PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DE UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA NO INTERIOR DE SÃO PAULO	
Caroline Amanda Pinheiro Karina da Silva Eustáquio Maria Aparecida Mendes de Souza Simpício Luciane Weber Baia Hees	
DOI 10.22533/at.ed.5451918076	

CAPÍTULO 7	84
COMPREENSÃO DAS FUNÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO: UM OLHAR SOBRE A RELAÇÃO ESCOLA – FAMÍLIA	
Elaine Martins Duarte	
Gersonita Silva Alcantara	
Silvonia de Melo Soares	
Rebeca Pizza Pancotte Darius	
DOI 10.22533/at.ed.5451918077	
CAPÍTULO 8	102
JOGOS LÚDICOS COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO DO RACIOCÍNIO LÓGICO- MATEMÁTICO NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I NA PERCEPÇÃO DOS DOCENTES	
Evelyn Mendes Cerqueira	
Monize Aparecida de Toledo	
Rafaela da Silva Dantas	
Raquel Pierini Lopes dos Santos	
Luciane Weber Baia Hees	
DOI 10.22533/at.ed.5451918078	
CAPÍTULO 9	119
O USO DO PARADIDÁTICO COMO MEIO DE ENSINO: FERRAMENTA DE CONSCIENTIZAÇÃO DA DIVERSIDADE ÉTNICA INDÍGENA	
Joyce Moura Silva	
Laura KiachacotaHebo	
Tauana Silva Rodrigues da Costa	
Germana Ponce de Leon Ramírez	
DOI 10.22533/at.ed.5451918079	
CAPÍTULO 10	128
LITERATURA INFANTIL COMO INSTRUMENTO DE ALFABETIZAÇÃO	
Ambar Magnólia Bordón Duarte	
Danielle De Matos Afonso Nascimento	
Verlene Caldeira Costa	
Denise Andrade Moura de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.54519180710	
CAPÍTULO 11	140
A INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL E AS PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL I	
Luana Cardoso Nascimento	
Marianna Gerardo Hidalgo Santos Jorge Leite	
Agnaldo César Rocha Abreu	
Ana Cláudia Vespa Mainer Dias	
DOI 10.22533/at.ed.54519180711	
CAPÍTULO 12	156
O PAPEL DO BRINQUEDO COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DA CONSCIÊNCIA EM SER NEGRO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Aline Vieira de Oliveira Souza	
Morgana Santos Viana Marques	
Germana Ponce de Leon Ramirez	
DOI 10.22533/at.ed.54519180712	

CAPÍTULO 13	170
LEGISLAÇÃO SOBRE O ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL, ASPECTOS HISTÓRICOS	
Bianca Gusmão dos Santos Monfardini	
Felipe Bauer Feijó	
Laís de Andrade Ribeiro Barboza	
Rúbens William Borges Richter	
Giza Guimarães Pereira Sales	
DOI 10.22533/at.ed.54519180713	
CAPÍTULO 14	186
A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO ESCOLAR PARA A CRIANÇA CEGA: ESTUDO DE CASO	
Fernanda Coraini	
Natalina Lopes Fernandes Tavares	
Willer Ferreira de Oliveira	
Keyla Ferrari Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.54519180714	
CAPÍTULO 15	197
CARACTERÍSTICAS DE ALUNOS TRANSCULTURAIS EM AMBIENTE ESCOLAR	
Keilyn Stegmiller Paroschi	
Betania Jacob Stange Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.54519180715	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	212

A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO ESCOLAR PARA A CRIANÇA CEGA: ESTUDO DE CASO

Fernanda Coraini

Centro Universitário Adventista
de São Paulo-UNASP
Engenheiro Coelho, SP

Natalina Lopes Fernandes Tavares

Centro Universitário Adventista
de São Paulo-UNASP
Engenheiro Coelho, SP

Willer Ferreira de Oliveira

Centro Universitário Adventista
de São Paulo-UNASP
Engenheiro Coelho, SP

Keyla Ferrari Lopes

Centro Universitário Adventista
de São Paulo-UNASP
Engenheiro Coelho, SP

RESUMO: O presente artigo apresenta um estudo de caso, realizado numa escola de rede pública da periferia de Conchal no interior de São Paulo, tendo como sujeito um aluno de 9 anos com deficiência visual, do 4º ano do ensino fundamental e abordará a intervenção pedagógica realizada pela professora da sala de recursos. Para a coleta de dados foram utilizados: a observação sistemática por meio de um Diário de Campo e do delineamento do desenvolvimento escolar do Sujeito com entrevista aplicada a professora da

sala de recurso. Para a realização de uma análise detalhada dos dados coletados na entrevista através do roteiro, foram utilizadas as contribuições de Bardin, (1997). Ao final dessa pesquisa, pode-se constatar que com o empenho do professor e o apoio da escola, frente à falta de incentivos governamentais, é foi possível observar resultados positivos no letramento e alfabetização da criança cega em Braille, pois foi observado em muitos contextos o que vem impedindo o desenvolvimento escolar dos alunos com cegueira, não são os limites impostos pela falta de visão em sim, a falta de conhecimento do professor com relação ao domínio do braile e recurso pedagógicos para o ensino da criança cega ou com baixa visão, levando em conta o fator motivacional do professor frente ao processo ensino aprendizagem do aluno e sua relação de interação e afetividade com o educando.

PALAVRAS-CHAVE: Deficiência Visual; Letramento; Alfabetização em Braile.

ABSTRACT: This article presents a case study, carried out at the Conchal public school in the outskirts of São Paulo, with a 9 year old pupil with visual impairment, from the 4th year of elementary school, and will address a pedagogical intervention by the professor of the resource room. For the data collection were used: systematic observation by means of a

Field Diary and the design of the subject's school development with interview applied to the teacher of the resource room. To perform an analysis of the data collected in the interview through the script, were used as supports of Bardin, (1997). At the end of this research, it can be seen that with the teacher's commitment and the support of the school, in the face of the lack of incentives to governors, positive results are positive in the literacy and literacy of the child in Braille, since it was observed in many contexts that has been impeding the school development of students with disabilities, a lack of knowledge about the problem of teaching, the lack of knowledge of the teacher in relation to the Braille domain and the pedagogical resources for teaching the child with or without vision in contact with the teacher motivate attention to teaching the student's learning and their relationship of interaction and affectivity with the learner.

KEYWORDS: Visual Impairment; Literature; Literacy in Braille.

1 | INTRODUÇÃO

Uma criança que possui perda da visão ou cegueira total tem acesso às mesmas etapas de pensamento de uma criança que enxerga, levando-se em consideração as particularidades da deficiência. Seu processo de alfabetização será mais complexo, pois o contato com a leitura e a escrita ocorre tardiamente, sendo necessário um pouco mais de estimulação. Segundo Almeida (1997), esse fato se dá em função de o Sistema Braille não fazer parte do dia a dia, como um objeto socialmente estabelecido, pois somente os cegos se utilizam dele. As descobertas das propriedades e funções da escrita tornam-se impraticáveis para uma criança cega, já que ela só toma contato com a escrita e com a leitura, na maioria das vezes, no período escolar.

No entanto, o Braille é um sistema de escrita e leitura tátil para as pessoas cegas. Este sistema consta do arranjo de seis pontos em relevo, dispostos na vertical em duas colunas de três pontos cada. Os seis pontos formam o que se convencionou chamar cela Braille para facilitar a identificação dos pontos. A leitura é feita da esquerda para direita, ao toque de uma ou duas mãos ao mesmo tempo. Pode-se fazer tanto a representação de letras, como algarismos e sinais de pontuação.

O reglete positiva é um instrumento usado para a escrita manual em Braille. A máquina de escrever em Braille é uma máquina especial. Ela é uma máquina de datilografia, de 7 teclas: cada tecla corresponde a um ponto e ao espaço. O papel é fixo e enrolado em um rolo comum, deslizando normalmente quando pressionado o botão de mudança da linha. O toque de uma ou mais teclas simultaneamente produz a combinação dos pontos em relevo, corresponde ao símbolo desejado. O Braille é produzido da esquerda para direita, podendo ser lido sem a retirada do papel da máquina de datilografia em Braille. A distribuição desses livros em Braille é possível graças à parceria entre o FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), a Secretaria da Educação Especial (SEESP) e o Instituto Benjamin Constant (IBC).

Em conformidade com Almeida (1997), “para que o educador consiga

desenvolver um excelente trabalho é necessário diversos aspectos sendo eles: os conteúdos precisam estar bem definidos, os métodos e técnicas deverão estar bem adequados, buscando sempre novas informações e precisa ter o apoio de toda a escola para que possa ter a liberdade e a criação da expressão.” Devido a essa necessidade do Sistema Braille, ser muito mais que uma conquista da linguagem escrita e lida, ou seja, ”alfabetização”. Para o cego isso significa ler o mundo faz com que ele se liberte da prisão intelectual que está contida em milhares de páginas impressas em tintas. (BARBOSA, 2009).

O termo letramento está cada dia mais presente nas diferentes áreas do conhecimento. O letramento escolar está presente no processo de aquisição da leitura e escrita da criança cega, acontece na tentativa de desfazer a existência do sujeito iletrado e de focar na busca da formação de um sujeito crítico-reflexivo.

Segundo dados do IBGE de 2010, no Brasil, mais de 6,5 milhões de pessoas tem alguma deficiência visual. Desse total: 528.624 pessoas são incapazes de enxergar (cego); 656.654 pessoas possuem grande dificuldade permanente de enxergar (baixa ou visão subnormal). A cada 5 segundos 1 pessoa se torna cega no mundo. A Organização Mundial da Saúde aponta que, se houvesse o número maior de ações efetivas de prevenção e/ou tratamento, 80% dos casos de cegueira poderiam ser evitados. Segundo a OMS cerca de 40 a 45 milhões de pessoas no mundo são cegas; os outros 135 milhões sofrem limitações severas de visão. Até 2020 o número de deficientes visuais poderá dobrar no mundo (Dados World Report on Disability, 2010 on VISION 2020).

A pessoa com baixa visão ou visão subnormal apresenta uma redução na sua capacidade visual que interfere ou limita seu desempenho na escrita ou na leitura em braile. A baixa visão pode ocorrer por traumatismos, doenças ou imperfeições no órgão ou no sistema visual. Um dos seus traços principais é a diversidade de problemas visuais que ela pode gerar. As pessoas com baixa visão podem ter baixa acuidade visual, dificuldade para enxergar de perto e/ou de longe, campo visual reduzido e problemas na visão de contraste, entre outros (CARVALHO et al., 1992; VEITZMAN, 2000).

São várias as causas os fatores que podem causar a cegueira, cada um deles com suas implicações psicológicas e emocionas. De maneira genérica, podemos considerar que nos países em desenvolvimento as principais causas são infecciosas, nutricionais, traumáticas e causadas por doenças. Nos países desenvolvidos são mais importantes as causas genéticas degenerativas. As causas mais frequentes são: catarata, diabetes, cegueira congênita, deslocamento da retina, glaucoma, retinopatias, toxoplasmose, causas acidentais e hiperoxia (refere a um excesso de oxigênio em um tecido celular, um ambiente ou solução).

Com o advento da era da informação e os modernos meios digitais, abrem-se novas possibilidades para a inclusão de pessoas com deficiência visual. Os avanços da informática têm permitido um sem-número de realizações nesta área. Através

de leitores de tela com sintetizador de voz e os recursos que a internet apresenta, muitas pessoas com deficiência visual hoje têm acesso a novas maneiras de dar prosseguimento a seus estudos.

Segundo Santarosa (2000), com a Internet ampliam-se, também, as possibilidades de educação à distância, não somente pelo acesso ao saber e à informação, mas, principalmente, porque potencializa a criação de alternativas metodológicas de intervenção pedagógica, abrindo-se um espaço de oportunidades, essencialmente para as pessoas cujos padrões de aprendizagem não seguem os quadros típicos de desenvolvimento. Para utilizar o computador, os usuários com história de deficiência geralmente utilizam ferramentas e softwares específicos, ferramentas que são conhecidas como tecnologias assistidas.

A criança não é mais ou menos capaz por ser cega. A cegueira não confere a ninguém nem qualidades menores nem potencialidades compensatórias. Seu crescimento efetivo dependerá exclusivamente das oportunidades que lhe forem dadas, da forma pela qual a sociedade a vê, da maneira como ela própria se aceita (ALMEIDA, 1997).

Percebe-se que alunos com necessidades especiais muitas vezes necessitam do apoio do educador. Socialização é importante para o desenvolvimento de qualquer ser humano. A socialização deve ser estimulada dentro e fora do ambiente escolar, visto que é componente básico ao desenvolvimento do educando, sendo deficiente ou não.

Vygotsky (2003) construiu sua teoria baseando-se no desenvolvimento do indivíduo como resultado do processo sócio histórico, isto é, segundo ele, o sujeito adquire conhecimento por meio da interação desse sujeito com o ambiente social no qual ele está inserido. Portanto, numa relação de um sujeito com outro sujeito, tal processo não deve simplesmente ocorrer em um ambiente escolar, é necessário que a família esteja envolvida de tal forma que faça com que o aluno com necessidades especiais se sinta útil para a sociedade.

Diante destas considerações, surge a questão: Em que aspecto as práticas pedagógicas aplicadas por uma professora da sala de *Recursos* contribuem para aquisição da leitura e da escrita em Braille, na perspectiva de letramento, para o aluno com deficiência visual do programa de atendimento educacional especializado do Ensino Fundamental?

Sendo assim a hipótese inicial é de que as práticas pedagógicas do professor da sala de recursos contribuam para a aquisição da leitura e da escrita em braile do aluno com deficiência visual, na perspectiva de letramento, é necessário que o professor busque métodos apropriados. Nesse caso, uma formação continuada na área da educação especial é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem.

Para tal será necessário:(a) descrever as características específicas das práticas pedagógicas que contribuiram para aquisição da leitura e da escrita em Braille do aluno com deficiência visual; (b) descrever os resultados do trabalho desenvolvido com o

aluno com deficiência visual e (c) contextualizar o modo como a professora aplica ou desenvolve as práticas pedagógicas no atendimento educacional especializado.

Este estudo se faz relevante devido a necessidade de observar o processo de aprendizagem e socialização do aluno com deficiência visual no espaço escolar, visto que, muitas barreiras da aprendizagem podem ser superadas utilizando criatividade e estratégias que despertem o interesse do aluno. Com base neste fundamento, entende-se que o mesmo precisa de alguém que esteja apto para auxiliá-lo a desenvolver as atividades escolares, no caso, a aquisição da leitura e da escrita em Braille, na perspectiva de letramento. Este estudo contribuirá para o conhecimento e difusão de uma educação inclusiva voltada aos valores humanos, uma sociedade que permite transformações e junto com a escola que acredita nas diferentes possibilidades e nos diferentes caminhos que cada um traça para sua aprendizagem.

O estudo será realizado numa escola de rede pública da periferia de Conchal no interior de São Paulo, terá como sujeito um aluno de 9 anos com deficiência visual, cursando o 4º ano do ensino fundamental. A pesquisa também terá como sujeito participante: a professora da sala de recursos e a psicopedagoga.

Como instrumentos para a coleta de dados serão utilizados: a observação sistemática por meio de um Diário de Campo e do delineamento do desenvolvimento escolar do Sujeito Único. Cujo objetivo será obter informações por parte da direção da escola, psicopedagoga, professoras e aluno com a coleta de dados referentes à montagem do relato de caso do aluno.

O estudo será caracterizado como pesquisa de abordagem qualitativa, estudo de caso. E será como instrumentos de coleta de dados; diário de campo, registro de desempenho de atividades desenvolvidas pelo aluno e uma entrevista.

A escolha dessa metodologia permitirá associar os dados coletados através da pesquisa bibliográfica, com os dados coletados através do diário de campo.

Para a realização de uma análise detalhada dos dados coletados na entrevista através do roteiro, utilizaremos as contribuições de Bardin, (1997), sobre a análise de conteúdo das narrativas, enquanto técnicas científica e sistematizada, procurando um alinhamento do referencial teórico com a fonte oral.

2 | METODOLOGIA

«Antes eu te conhecia só por ouvir falar, mas agora eu te vejo com os meus próprios olhos.» (Jó 42:5).

A análise de conteúdo de (Bardin, 1977), é entendida como um conjunto de técnicas de exploração de documentos e discursos. Procura a identificação de conceitos e temas abordados em determinados documentos e textos. Esta técnica começa, geralmente, por uma leitura fluente por meio da qual o pesquisador procura, num trabalho gradual de apropriação do texto ou emergir os contornos de suas primeiras

unidades de sentidos. Este tipo de análise categorial leva em consideração o conteúdo manifesto da mensagem emitida, passando pelo crivo dos elementos de significação.

Bardin (1977, P. 42) define a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (quantitativos ou não) que permitam a dedução de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis/concluídas) destas mensagens. Os questionamentos viabilizam informações (emissão da mensagem) baseadas nos moldes inerentes aos conceitos de inclusão dentro e fora da escola.

A escolha pela entrevista semiestruturado se deu pelo fato dela constituir num roteiro, permitindo que a conversa entre o entrevistador e o pesquisador seja natural e não rígido. A entrevista semiestruturada liberta o pesquisador e o entrevistado para que ambos possam manter a interação dialógica, a fim de que a discussão seja norteada por seus conhecimentos teórico-práticos e sua experiência da área. Como alertam Lüdke e André (1986, p. 34): [...] “a entrevista semiestruturada se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”.

A entrevista semiestruturada permitirá, que a participante responda às perguntas diferenciadas, após os dados coletados, uma análise com maior referencial na área estudada. Citando Lüdke e André (1986, p. 33):

[...] na entrevista a relação que se cria é a de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e no fundo são a verdadeira razão da entrevista.

O tema da entrevista proporcionara a entrevista um incentivo a participar deste estudo proposto pois se trata de relatar sua prática pedagógica diária e de seus conhecimentos sobre trabalho que será realizado. Diante dessa ação, incentivadora a entrevistada estará motivada a responder as perguntas, deixando à mostra sua prática pedagógica e relação interpessoal com o aluno. -

A entrevista semiestruturada oferece uma grande flexibilidade quando nós referimos ao tempo de duração da entrevista. Sendo assim a entrevistada terá a oportunidade para questionar e aprofundar questões. Dessa forma a escolha pela entrevista semiestruturada permitirá ao pesquisador estabelecer relações entre concepções do entrevistado e as próprias ideias do pesquisador, num processo de construções e reconstruções que descarta qualquer neutralidade. A coleta de dados foi feita numa escola pública da cidade de Conchal interior do estado São Paulo, junto com a professora da sala de recurso de 38 anos de idade.

As informações que serão colhidas do questionário serão sistematizadas no aspecto qualitativo. As análises dos conteúdos das questões abertas serão avaliadas de forma qualitativa, segundo Bardin (Análise do Conteúdo, 1977, p.44) “a análise de

conteúdo visa o conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica, etc., por meio de um mecanismo dedução de base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares”. As perguntas foram realizadas na escola onde o aluno pesquisado estuda, interpretada e analisada as informações de cada resposta de acordo com a entrevista.

Com base na aplicação de entrevista semiestruturada fez-se a categorização dos dados e, por seguinte, estabeleceu-se categorias que foram aqui descritas em formatos de subtítulos, as quais estão apropriadas a seguir:

3 | COMPETÊNCIA DOCENTE

Na categoria competência docente a professora da sala de recurso relata em seu discurso que sentiu medo ao iniciar o trabalho com aluno com deficiência visual apresentou certo receio de prejudicá-lo, pois nunca havia trabalhado com um aluno cego congênito. Com a ajuda da coordenadora da escola, que já havia pesquisado muito sobre como trabalhar com um aluno cego, a professora começou a pesquisar e se informar mais sobre o assunto. Iniciou com o desenvolvimento de atividades com alto relevo e alfabeto em Braille para assim começar o trabalho com o aluno, de uma forma simples para não deixar o aluno apreensivo ou desmotivado pelas possíveis dificuldades que o mesmo poderia encontrar. Nas aulas a professora começou a dialogar bastante com ele, para que ele pudesse ver nela uma amiga a quem pudesse confiar. O aprendizado do aluno passou a ficar cada vez melhor. E para a professora o seu trabalho foi ficando mais gratificante e prazeroso e não um obstáculo.

Analisando de acordo com Santos e Sakaguti (2011, p. 2) deficiência visual “não é incapaz de aprender, porém, precisa de certo cuidado na metodologia da aula, didática do professor e a acessibilidade aos materiais complementares”.

4 | MOTIVAÇÃO

Motivação indicada no discurso da professora foi observada, pois o discurso relata que houve muita motivação de ambas partes professora e aluno. Sempre ao começar a aula os dois cantavam hinos e oravam. O aluno demonstrava gostar tanto desse momento e falou que um dos hinos era dele e o outro era da professora, e todos os dias ele escolhia qual o hino iria tocar. Ao começar a aula todos estavam sempre alegres. Com relação a outra categoria. observou –se que o aluno sempre realizava as atividades com muita dedicação e cuidando sempre para não errar, pois gostava de realizar suas atividades com muito zelo. Mostrava que sempre estava disposto a aprender e apresentava atitudes prestativas sempre auxiliando em sala de aula, como por exemplo: pegar um livro, ligar o computador, guardar os materiais usados no dia e entre outros. A professora nos relatou de um acontecimento que ocorreu durante a

aula, que até ela mesma se surpreendeu conforme discurso abaixo:

“Acabei pedindo para o aluno levar as colas coloridas na secretaria. Entreguei a cola para ele. Saiu tão alegre como se estivesse vendo tudo ao seu redor. Acabei me assustando e fui atrás dele sem que ele percebesse. O aluno chegou à secretaria entregou as colas e agradeceu e voltou. “Vim bem depressa na frente dele e sentei na cadeira. E perguntei a ele se tinha dado tudo certo. Com um sorriso nos lábios me disse:

- Ai, ai você acha que eu não sei que você foi atrás de mim (alegre).

Conclui-se que para fazer a diferença na vida dos alunos, o professor deve-se adotar sempre estratégias e acima de tudo ganhar a confiança do aluno.

Toda o processo de desenvolvimento e as falhas e rupturas que porventura venham a ocorrer deverão ser compreendidos e integrados dentro de um conjunto maior de relações que são determinadas pela natureza humana e se aplicam de igual maneira a todas os seres humanos (AMIRALIAN, 2001, p.5).

5 | ATIVIDADES PEDAGÓGICAS REALIZADAS

Na categoria atividades pedagógicas realizadas a escola oferece ao aluno todo o apoio necessário para que possa ocorrer o letramento e alfabetização em Braille sem prejudicar o aluno. A professora prepara as atividades por meio de recortes, cola alto relevo, barbante, máquina do Braille, Reglete positiva sempre tentando fazer o melhor para o aluno. Na parte de recortes a professora pega diversos tipos de papéis como: lixa, papel laminado, papel cartão, crepom entre outros para que o aluno possa desenvolver a coordenação fina e o cognitivo. O aluno faz o uso de tesoura para recortar as formas geométricas que ela faz em alto relevo. Permitindo que o aluno forme desenho com essas formas geométricas (círculo, triângulo e retângulo).

Com a cola alto relevo e o barbante a professora realizou diversas atividades. Uma atividade que chamou bastante atenção foi o mapa do Brasil que a professora fez bem ampliado e em alto relevo, para que assim o aluno pudesse identificar o local que ficava cada estado e qual era sua capital. Parecia até que o aluno estava vendo, porque ele decorou todos os estado e capitais. Para ficar ainda melhor ele conseguiu mostrar no mapa onde fica cada um dos estados. Com a ajuda do reglete positiva o aluno colou a sigla de cada estado no lugar certo. Exemplo :São Paulo -SP, Rio de Janeiro-RJ.

O desenvolvimento do aluno chega ser tão impressionante que acaba surpreendeu a todos. Ele decorou o teclado do computador em apenas dois dias para poder trabalhar com programa NVDA (leitor de tela).

A professora trabalhou com o aprendiz sobre Vicent Van Gogh. Durante esse trabalho foi realizado a leitura do livro Van Gogh onde o mesmo escrevia muitas cartas para o irmão Téo, usando a máquina do Braille o aluno precisava escrever para o Téo

como se fosse o Van Gogh. Ele escreveu várias cartas, dando até o nome da máquina do Braille de Van Gogh. Toda vez que ele tinha que voltar para escrever o aluno falava que o Van Gogh estava voltando ao tempo.

[...] a criança cega pode alcançar o mesmo nível de desenvolvimento que a criança vidente, só que este desenvolvimento acontece de maneira diferente, por outras vias, outros caminhos. O professor deve conhecer essas vias diferenciadas pelas quais conduzirá o processo de ensino-aprendizagem da pessoa cega [...] (SILVEIRA, 2010, p, 51).

6 | RECURSO PEDAGÓGICOS

Nessa categoria recurso pedagógico a escola oferece todo o recurso que o aluno precisa para que possa ocorrer o processo de alfabetização em Braille. Fazendo uso do computador com programa NVDA, máquina do Braille, Reglete Positiva e livros impressos.

Formação Profissional

Na categoria formação profissional a professora relatou importância da formação continuada para o professor. O Instituto Benjamin Constant (IBC) é uma instituição de ensino para deficientes visuais localizada no estado do Rio de Janeiro, no Brasil, o Instituto Benjamin Constant é um forte ponto de referência, para ajudar aos professores a trabalhar com esse tipo de deficiência. Com o avanço da tecnologia pode-se inovar o aprendizado do aluno e do professor.

Atualmente o Instituto Benjamin Constant é subordinado ao ministro de Estado da Educação e do Desporto e constitui-se num centro de referência nacional para questões relativas à deficiência visual. Além da escola, capacita profissionais da área da deficiência visual, assessora escolas e instituições em geral e oferece reabilitação física.

Inclusão

Na categoria inclusão observamos que a professora tem bastante apoio da escola para trabalhar com o aluno. Permitindo que a inclusão do aluno ocorra no âmbito educacional de uma forma positiva fazendo com que o aluno seja aceito pelos seus colegas e pela equipe profissional da escola.

Todo indivíduo, sem exceções, deve enfrentar a sociedade de cabeça erguida, pois, a inclusão vem do fato de exigir uma mudança de paradigma social e educacional. Na perspectiva inclusiva, suprimem-se a subdivisão dos sistemas a sociedade e a escola em modalidades de ensino especial e regular. As escolas atendem às diferenças,

sem discriminar, sem trabalhar à parte com alguns alunos e sem estabelecer regras específicas para se planejar. (MANTOAN 2003, p 125)

” Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos” (Antoine Saint Exupery)

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença de alunos cegos é uma realidade que merece atenção. A melhor forma de contribuir com a educação dessas crianças é investir em capacitação para profissionais da área. Estudos como estes contribuem para a disseminação desses conhecimentos entre a comunidade, que necessita de estar atenta, em buscar de melhorias no meio da educação especial. Com a prática profissional pedagógica da professora da sala de recurso não houve obstáculo da parte do professor e nem do aluno, pois o aluno realizava todas as tarefas com facilidade com uma certa rapidez tanto na escrita como na leitura em Braille ou em outras atividades.

Os resultados obtidos com a pesquisa nos permitiram concluir que, com o empenho do professor e o apoio da escola, frente à falta de incentivos governamentais, é possível observar resultados positivos no letramento e alfabetização da criança cega em Braille, pois o que vem impedindo o desenvolvimento por completo dos alunos com cegueira, não são os limites impostos pela falta de visão e sim, a falta de conhecimento do professor com relação ao domínio do braille e recurso pedagógicos para o ensino da criança cega ou com baixa visão, levando em conta o fator motivacional do professor frente ao processo ensino aprendizagem do aluno.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. G. Alfabetização: uma reflexão necessária. **Revista Benjamin Constant**. Rio de Janeiro, n. 6, março, 1997.

ALONSO, D. Educação inclusiva: desafios da formação e da atuação em sala de aula. **Nova Escola**, 2013. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/588/educacao-inclusiva-desafios-da-formacao-e-da-atuacao-em-sala-de-aula>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

ALVES, A. P. R; SOUZA, L.M. D; REIS, C. D. A. R. O Atendimento educacional comum e especializado de um aluno cego da rede municipal de angical - BA: desencontros rumo à inclusão. **VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial**, Londrina – PR, 08-10.nov.2011.

Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2011/NOVAS_TECNOLOGIAS/313-2011.pdf>. Acesso em: 25 maio 2017.

BARBOSA, P. M. **O estudo da geometria**. Rio de Janeiro: IBC, 2003.

FONTANA, M. V. L.; VERGARA N. E. L. **Educação e inclusão de pessoas cegas: da escrita braile à internet**. Universidade Federal de Pelotas – UFP el. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/alemdavisao/publica/PDF/braile_internet.pdf>. Acesso em: 20 maio 2017.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: (Org.). **Os Significados do Letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

LOPES, E.; MARQUEZINE, M. C. **Sala de recursos no processo de inclusão do aluno com deficiência intelectual na percepção dos professores**. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, SP, vol.18 n. 3, Jul/Set. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382012000300009>. Acesso em: 18 maio 2017.

LÜDKE, M. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.

MANTOAN, MARIA TEREZA EGLER. **Inclusão Escolar: o que é? Por que? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

SILVEIRA, C. M. Professores de alunos com deficiência visual: **saberes, competências e capacitação**, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/10/TDE-2010-03-09T165533Z-2325/Publico/421421.pdf>. Acesso em: 23 jun 2017.

SOARES, M. **Letramento e escolarização**. In: RIBEIRO, V. M. (Org.). **Letramento no Brasil**. 2º. ed. São Paulo: Global, 2003.

SOUSA, L. Deficiência visual no Brasil. **Facilitando a Acessibilidade**. Disponível em: < <https://facilitandoacessibilidade.wordpress.com/2015/04/02/dados-sobre-deficiencia-visual-no-brasil/>>. Acesso em: 22 maio 2017.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.135 p. disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NTQzNTA4/>

MONTE ALEGRE, P. A. C. **A cegueira e a visão do pensamento**. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-354-5

